

Os Ginásios Vocacionais: subversões e acomodações

Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Resumo: Apresentamos neste texto uma tentativa de configurar na história dos Ginásios Vocacionais do Estado de São Paulo, um movimento de idas e vindas que pode ser lido como um movimento de subversões e acomodações. Os Ginásios Vocacionais foram uma experiência educacional pública implantada e extinta na década de 1960. Eram, ao todo, seis unidades escolares, uma na capital e as demais espalhadas pelo interior. A literatura disponível aponta que essa foi uma experiência com características peculiares: adotava-se a democracia como prática pedagógica, havia baixo índice de reprovação e evasão, grande participação da comunidade, dos pais e alunos nas decisões gerais; defendia-se a integração entre teoria e prática; buscava-se a formação integral do indivíduo; davam ênfase aos trabalhos em equipe, aplicavam-se diversas técnicas pedagógicas e práticas de avaliação diferenciadas e o currículo era planejado respeitando o contexto das unidades.

Palavras-chave: Ginásios Vocacionais. Subversões. Década de 1960.

SITUANDO ESPAÇO TEMPORALMENTE

Os Ginásios Vocacionais foram uma iniciativa educacional pública paulista de ensino secundário implantada em 1962 e extinta em 1969 durante a ditadura militar. Vão herdar os conflitos resultantes da conjuntura política da época, marcada pela pressão por mudanças na educação e pela efervescência dos movimentos sociais.

A existência dessa proposta educacional foi curta. Tão logo se iniciara, começava sua via-crúcis. O secretário da Educação que projetou sua criação e implantação deixa a pasta no ano de sua instalação. No decorrer dos seus oito anos de funcionamento conta com nove secretários, praticamente nenhum deles adepto às mudanças a que se propunha. A chegada do regime militar em 1964 complica a vida das iniciativas educacionais renovadoras. No caso dos ginásios vocacionais, a luta de pais e professores consegue mantê-la viva por mais tempo, mas em 1969 ele é extinta. Porém, se curta foi sua experiência, rica foi sua história, hibernada durante o período da ditadura. É rica a lembrança registrada na memória de seus participantes, impregnada dos traços marcantes que imprimiram sua filosofia e inspiraram sua pedagogia. (ROVAI, 2015, p.19)

No dia 12 de dezembro de 1969 todos os Ginásios Vocacionais foram tomados pelo Exército e Polícia Militar numa ação conjunta. Há filmes, imagens, relatos sobre este momento histórico da educação brasileira.

Sem aviso! Sem aviso, baixou lá, ta, ta, ta! Fecha tudo! Fomos reunidos numa sala, depois que soubemos que estávamos cercados. Nós fomos reunidos numa sala do SEV. SEV é o Serviço de Ensino Vocacional, e lá vieram muitos policiais, não sei se da Polícia Federal, do próprio Dops, do Exército, não sei o quê. Também fizeram uma palestra para a gente no sentido de tomarmos cuidado, pois quem tinha culpa no cartório ia se ver com eles.

Eliza: Todos? Professores, coordenadores e inspetores?

Zago: Todos. Coordenadores, diretores, professores, inspetores, serventes, todo mundo. Eles entraram nas nossas salas e colocaram todo mundo junto. Não pudemos sair. Nós tivemos direito, acho, que a um telefonema... Um telefonema. Não podia sair, não era permitido, eles só nos liberaram no final da tarde e assim mesmo nós combinamos que sairíamos em grupos de dois, três juntos, jamais saímos sozinhos. Eu lembro que saí junto com dois colegas, se não me engano, um era de Artes Plásticas. Então foi um período difícil. Foi a segunda vez pela qual fui cercado. Depois não ocorreu mais nada. Só alguns cuidados, cautela, não aparecer muito. (Da entrevista com Antonio Pedro Zago, ex-professor de Matemática)

O Sistema Vocacional após esta intervenção é extinto da rede pública de ensino estadual.

Alunos, professores, diretores, técnicos e funcionários do extinto SEV foram indiciados em processos policiais militares, ocorrendo prisões, devassas em suas casas e aposentadorias compulsórias.

Como iniciativas educacionais, que podemos definir como diferenciadas, diferenciadoras e/ou inovadoras são extintas? Como se dá o processo de desmantelamento? Quais forças as fazem sucumbir? Que mecanismos as ceifam? Questões dessa natureza nos fazem refletir e propor este texto.

Seria ingenuidade acreditar que a causa do fechamento e posterior extinção dos Ginásios Vocacionais deram-se única e exclusivamente em consequência do regime militar implantado em 1964? Perguntamos: em outro momento sociopolítico isto aconteceria? Quais linhas de força provocaram sua extinção? Outras iniciativas renovadoras tendem a sucumbir em outros contextos? Quais ações explícitas ou implícitas fazem com que uma estrutura como essas seja criada, implantada e então ceifada? No caso dos Ginásios Vocacionais não houve tempo para avaliações consistentes acerca de sua funcionalidade e resultados. Observa-se que, em uníssono, os discursos acerca do Vocacional o concebem como uma experiência ímpar. O que estes espaços subvertem? Quais tensões geram? Que incômodos despertam? Percebe-se também um discurso homogêneo creditando à ditadura a responsabilidade pelo que ocorreu como desfecho. Buscamos então investigar aspectos referentes a estes discursos e outras possíveis causas imbricadas no processo de desmantelamento dos Ginásios Vocacionais. O contexto sócio-político e cultural da década de 1960 contribuiu para que iniciativas renovadoras, não apenas no campo educacional, surgissem.

Impunha-se a necessidade de mudanças no sistema educacional impulsionadas pela industrialização e a chamada ao progresso. Os Ginásios Vocacionais aparecem no cenário paulista com intenções de atender a essas necessidades, sendo considerados, de acordo com depoimentos e documentos, diferenciados em seus aspectos pedagógicos e bem sucedidos em sua curta existência. A proposta de um ensino diferenciado, neste caso dos Vocacionais, parte de algumas balizas⁸, elementos constitutivos que davam suporte à estrutura pedagógica que defendiam.

⁸ “Balizas educacionais” é uma expressão usada por Daniel Chiozzini na entrevista por ele concedida para nossa pesquisa.

QUANTO AOS ASPECTOS PEDAGÓGICOS E ESTRUTURAIS DIFERENCIADORES: balizas educacionais de suporte

Os Ginásios Vocacionais inspiravam-se nos modelos europeus da Escola de *Sevres* na França e da Escola Compreensiva Inglesa. Adotavam a democracia como prática pedagógica e buscavam a formação integral do indivíduo bem como a inserção desses indivíduos em seu meio. Aplicavam técnicas que almejavam formar o cidadão consciente de sua realidade e apto a transformá-la a partir de um Projeto Pedagógico, baseado na noção de *Core Curriculum*, que norteava as ações pedagógicas desenvolvidas pela equipe de gestores, orientadores e docentes. Estes profissionais eram sensibilizados já nos cursos de treinamento⁹ realizados antes da admissão daqueles que comporiam o quadro da Proposta.

A estrutura contava com o SEV e seis Ginásios funcionando em regime integral nas cidades de São Paulo – no bairro do Brooklin –, Americana, Batatais, Rio Claro, Barretos e São Caetano do Sul (esta última unidade, criada em 1968, não funcionava em período integral¹⁰). As escolas tinham autonomia e respondiam diretamente ao Secretário da Educação, ou seja, não passavam por toda a estrutura burocrática da Secretaria da Educação. Inicialmente, esta condição parecia ser um facilitador. Ver-se-á, no entanto, mais tarde, que ela será um empecilho, limitador das ações propostas pelo SEV, que esbarravam nas decisões do Secretário Estadual da Educação e do Governador em exercício. A proposta de ampliação do Sistema Vocacional, por exemplo, foi vetada. Ressalta-se também, como ingrediente a mais nessa fórmula de complicações, a alternância dos Secretários da Educação, cujos nomes foram alterados nove vezes durante os oito anos de existência dos Ginásios.

Direcionado a jovens de ambos os sexos, os estudantes, com idade entre 11 e 13 anos no ingresso passavam pelos Exames de Admissão vigentes em todas as escolas públicas do Brasil à época. Diferenciando-se do padrão desses exames, porém, os Vocacionais realizavam um processo seletivo que contava com uma entrevista, o que permitia, segundo algumas fontes, o ingresso de alunos de diferentes classes sociais da comunidade na qual o Ginásio estava inserido.

A inovação dos Ginásios Vocacionais começava por sua proposta curricular. Proporcionavam ao aluno conteúdos teóricos associados a disciplinas práticas, usando diversas estratégias didáticas. Os alunos tinham, além das “matérias” convencionais, disciplinas que, para a época, eram novidade, como Artes Industriais, Práticas Comerciais, Práticas Agrícolas, Educação Doméstica, Educação Musical, Educação Física e Artes Plásticas; com diferenciações no rol das disciplinas em cada uma das suas unidades. Os professores, segundo seus depoimentos, recebiam salários dignos que lhes permitia trabalhar em uma única unidade escolar; com dedicação de 40 horas em regime integral, sendo 20 horas reservadas às atividades de planejamento, reuniões e trabalhos em equipe.

Nas escolas, segundo os registros disponíveis, os índices de reprovação, de faltas e de evasão escolar eram mínimos, e a quantidade de alunos por sala de aula era limitado. Em cada série matriculavam-se 30 alunos que, para as atividades, se revezavam em seis equipes de cinco

⁹ Vale ressaltar que esse curso de treinamento de quatro meses, antes da admissão do professor, não aconteceu para toda a equipe Vocacional, já que ao longo dos anos ele foi sendo afetado pelas dificuldades, pressões e urgências impostas à educação, à época.

¹⁰ Importante perceber aqui o que talvez seja uma flexibilidade na proposta dos Vocacionais, posto que o atendimento em tempo integral mostrou-se “negociável”, pois não foi implantado na última unidade a ser criada.

alunos. Os grupos eram formados segundo técnicas sociométricas desenvolvidas com os alunos pelo orientador educacional, sendo ele o responsável por acompanhar os alunos no decorrer de sua formação secundária. Cada turma tinha seu orientador educacional. Todas as atividades eram realizadas em equipes, fossem elas em sala de aula, nas instituições pedagógicas (Cantina, Cooperativa, Escritório de Contabilidade, Banco Escolar), nos projetos ou nos Estudos do Meio¹¹.

Livros didáticos não eram adotados: os alunos tinham à disposição, para consultas e pesquisas, os livros da biblioteca de cada escola. As disciplinas eram realizadas em salas-ambiente.

Registra-se que nos Ginásios Vocacionais havia a participação ativa dos pais nas decisões gerais da escola, inclusive nas decisões relativas ao currículo. A Associação de Pais e Amigos dos Ginásios Vocacionais, existentes em todas as unidades, eram entidades civis com personalidade jurídica própria, estatuto registrado em cartório. Os pais pagavam mensalidades, ajudavam a organizar campanhas, estabelecer contatos com a comunidade; angariar fundos; além de promover a convivência entre pessoas de classes sociais e níveis culturais distintos.

Havia um coral formado por alunos, pais e professores, que ainda existe até hoje. Então, o fato de viajar juntos, o fato de você sair da escola e de repente você ir para casa de outro colega, os pais se relacionarem, havia essa coisa de reuniões de pais e isso mostrou que a força dos pais era muito grande e forte. (Da entrevista com Luiz Carlos Marques, ex-aluno)

Implementavam-se projetos de ação comunitária. São exemplos: o projeto de Alfabetização de Adultos destinado à população de baixa renda, implantado em Americana; o projeto de Leitura e Artes realizado nas praças de Rio Claro aos finais de semana; o projeto Cinema, em São Paulo; entre outros. O Governo Estudantil, por sua vez, era uma das estratégias nas diferentes unidades para realizarem o exercício de estruturar um modelo de administração da unidade escolar análogo ao de um Governo.

Dava-se ênfase aos chamados Estudos do Meio, que, segundo as fontes consultadas, era uma das principais técnicas aplicadas no Ensino Vocacional.

Os Estudos do Meio eram atividades educativas desenvolvidas através de projetos, promoviam o envolvimento e engajamento da escola com a comunidade, os alunos adquiriam uma visão geral e crítica do Brasil o que iria incomodar fortemente o regime militar, taxando a experiência, ousada e inovadora, como subversiva. (TAMBERLINE, 2005, p. 40)

Estes estudos permitiam um contato direto com a realidade social e humana, sobretudo e inicialmente, da comunidade mais próxima para, no decorrer das séries, abarcarem regiões e realidades progressivamente mais amplas. No início na primeira série tratava-se da escola, comunidade e cidade; na segunda série abrangia-se o estado; na terceira, o país; e na quarta, o mundo.

Um estudo sobre a comunidade precedia o planejamento curricular, a fim de serem previamente detectados os problemas e fenômenos específicos a serem tratados. Com isso, poderia haver adequações nos Programas além de ser possível, a partir do que se mapeava nesses

¹¹ Sobre as instituições pedagógicas e os Estudos do Meio trataremos na sequência deste texto.

estudos, admitir proporcionalmente alunos das diferentes classes sociais daquela comunidade, como preconizava a Proposta.

O currículo era pensado, segundo os documentos escritos e as narrativas por nós registradas, como um conjunto de experiências proporcionadas e vividas pela escola, não limitando-se aos Programas e às disciplinas, e regendo-se pela necessidade de, numa sequência evolutiva, acompanhar o dinamismo da realidade social.

Concebiam a aprendizagem como um processo global que abrangia o desenvolvimento intelectual, atitudes e habilidades.

Para efetivar a concepção de currículo com ênfase na integração de áreas era fundamental o suporte técnico, que ficava sob a responsabilidade do RAV - Recursos Áudio Visuais – que interferia não só do ponto de vista técnico, mas também pedagógico, nas práticas e teorias abordadas pelos professores.

Nós tínhamos que entender como o aluno mantém o interesse no aprendizado, como é que o recurso audiovisual poderia ajudar a despertar esse interesse. Nós tínhamos que entender, tanto que estudávamos, participávamos dos cursos, e depois, na condição de supervisora, começamos a criar cursos de recursos audiovisuais. Estudávamos alguns textos. Lembro-me de que Piaget era um deles. Jerome Bruner, também Hans Haebli... Então não era um técnico, a gente não tinha só que entender, por exemplo, como funcionava a máquina de passar filme. Não. A gente tinha que entender como usar o filme em sala de aula de forma a estar dentro da proposta metodológica. Não só o filme. Qualquer fonte de dados da qual o aluno tivesse que extrair coisas para entender o problema que ele estava estudando naquela unidade. Você entende? Não era um quartinho onde tinha os materiais e o professor ia lá buscar... Não! Nós éramos profissionais que estávamos ali para ensinar os professores a entender como usar os recursos. (Da entrevista com Esméria Rovai, ex-supervisora de RAV)

A disciplina de Estudos Sociais era a coluna vertebral nos Ginásios Vocacionais. Os professores de Estudos Sociais (um formado em História e outro em Geografia) eram responsáveis por lançar questões norteadoras que seriam desenvolvidas durante um bimestre ou semestre. Estudos Sociais estabelecia um sistema de relações com e entre as demais disciplinas. Por meio de questões centrais, advindas dos estudos sobre a comunidade e sobre problemas, à época, atuais e julgados potencialmente significativos aos alunos, os professores trabalhavam conteúdos em projetos e outras atividades, de forma inter-relacionada, nas diversas disciplinas, práticas ou teóricas.

No Vocacional havia um núcleo. Um núcleo era sempre um problema da realidade sócio cultural, por isso que Estudos Sociais, História, Geografia, Antropologia eram as matérias centrais. Então eles eram convidados a refletir e trabalhar em Matemática, Português. Por exemplo, a música de Chico Buarque: Vida e Morte Severina. Ouvia a música em Educação Musical, liam o poema em Português a partir do problema: “Porque o brasileiro vive apenas 55 anos em média?” Então Vida e Morte Severina estava dentro desse tema... (Da entrevista com Newton Balzan, ex-professor e ex-supervisor de Estudos Sociais)

Os alunos eram estimulados à prática da liberdade com responsabilidade e avaliados constantemente sob variados ângulos por meio da Ficha de Observação do Aluno – a FOA – expediente utilizado durante os quatro anos do ginásio. Essas fichas continham uma compilação

(realizada pelo orientador educacional) de anotações e registros sobre os alunos, feitos pelos professores, nas mais variadas atividades escolares.

Estas são, em resumo, algumas das balizas educacionais que vão permitir “o desenvolvimento de uma experiência educacional efetivamente vanguardista e com resultados quase inquestionáveis por todos aqueles que dela participaram”. (CHIOZZINI, 2014, p.94)

Como, porém, uma estrutura institucional é avaliada como bem sucedida? Como um caminho considerado inicialmente promissor ao Brasil vai ser, aos poucos, reconsiderada, reinterpretada? Não houve tempo para avaliações consistentes. Boatos se espalharam na época: tratava-se de uma escola cara e elitista.

Há dificuldades em fundar e se estabelecer experiências pautadas no diferente?

Os Ginásios Vocacionais foram uma experiência de vanguarda educacional, mas ao enveredar pelo caminho da educação redentora, eles começaram a perder essa característica /.../ havia uma estrutura que valorizava o saber fazer do professor, fortalecia e valorizava a escola como espaço de produção de cultura. (CHIOZZINI, 2014, p.259)

... em 66, 67 o Vocacional ainda não tinha sido sequer avaliado e o governo cria uma nova experiência chamada GOT - Ginásios Orientados para o Trabalho. Eram pluricurriculares. O nosso era financiado por uma agência americana não era a CIA, era muito subversiva, muito, chamava-se USAID. É o acordo MEC-USAID. Antes dos Vocacionais serem avaliados eles fundaram 55 novos Ginásios no estado de São Paulo orientados para o trabalho só que o centro não era mais Estudos Sociais, o centro era Artes Industriais. Então veja como o pensamento foi embora. (Da entrevista com Newton Balzan, ex-professor e ex-supervisor de Estudos Sociais)

Especialmente quando ... os Vocacionais passaram a formar, toda concepção de experimentação educacional, que o Azanba forja e difunde, é altamente elitista, tudo tem que ser para a rede. Essa ideia massificadora, e eu acho que isso custou caro. Tem uma famosa divisão social do trabalho pedagógico, quer dizer, os pesquisadores, filósofos etc são capazes de pensar a Educação, a política educacional. Professor não tem que ficar “se metendo” a informar, reformar, discutir política, discutir, ele é o peão, e o Vocacional quebrou com isso, porque os professores discutiam política educacional, discutiam legislação, discutiam o que é uma educação de excelência, então rompiam com essa divisão social do trabalho pedagógico. (Da entrevista com Daniel Chiozzini)

Foram apenas oito anos de fervilhante existência – de 1962 a 1969 – e várias tensões e conflitos. Principalmente a partir de 1968 começam a surgir pressões internas e externas, no sentido de extinguir o Ensino Vocacional da rede pública, uma vez que, além de considerado caro e voltado a atender apenas a uma pequena parcela da população, ela era também encarado como uma ameaça ao regime vigente, ao ser considerado subversivo.

Até 65, 66 a coisa não estava tão difícil. Creio que isso passava meio nas entrelinhas para nós alunos em termos políticos. Acho que foi em 68 com o Ato Número 5 que as coisas ficaram piores, porque até então o Vocacional, a Direção do Vocacional era meio audaciosa: vamos fazer e fazia. Com o apoio dos pais, que era muito forte e presente, a diretoria do SEV ia e fazia. (Da entrevista com Luiz Carlos Marques, ex-aluno)

Newton: Nós sobrevivemos à primeira fase da ditadura. De 64 a 68. Em 68 apertou com o Ato Institucional Número 5. Lembra bem disso? O AI-5 saiu publicado dia 13 de

dezembro de 68, foi aí que a ditadura que, até então estava tolerável se tornou duríssima. Foram chamados anos de chumbo. Daí veio 69. 70 foi horrível.

Berenice: *Então, foi nessa época que fomos denunciados.*

(Da entrevista realizada com o professor Newton Balzan e Berenice Simoni Mendoza, ex-professora de Matemática)

Em 12 de dezembro de 1969, como resultado de inúmeros conflitos que aos poucos já estavam se manifestando também no interior das escolas, ocorre a intervenção militar em todas as unidades do vocacional.

PODE-SE ATRIBUIR O ADJETIVO “SUBVERSIVO” AOS GINÁSIOS VOCACIONAIS? EM QUAL SENTIDO?

Um olhar mais focado à palavra subversão talvez nos aponte caminhos para algumas primeiras aproximações e ressignificações sobre o tema que o título deste tópico anuncia.

O adjetivo “subversivo”, segundo Houaiss e Villar (2004, p. 2630) diz daquilo

[...] que prega ou executa atos visando transformação ou derrubada da ordem estabelecida; revolucionário... que ou aquele que expressa ideias, pensamentos, opiniões opostos, ou profundamente diferentes dos da maioria... que ou aquele que age de maneira a perturbar, tumultuar as instituições, que é contra a ordem e deseja o caso e a anarquia; perturbador, agitador.

O verbo “subverter” em Houaiss e Villar (2004, p. 2630) refere-se à

[...] causar agitação, desequilíbrio ou desordem, perturbar, transtornar, desordenar ... modificar ou destruir (algo estabelecido), realizar transformações profundas, revolucionar... destruir os bons valores e o bom comportamento; perverter, corromper ...

Sob outro ângulo, podemos buscar indícios de como alguns dos atores desse cenário dos Vocacionais entendem essa Proposta segundo esse viés da subversão. Percebemos, nesse movimento analítico, algumas atribuições de sentido ao termo, como ele é exposto, como ele é/foi, no presente, compreendido/apreendido/atribuído naquele e àquele contexto educacional do passado. A narrativa de Berenice Simoni Mendoza é um dos exemplos:

Nós éramos subversivos na essência. Porque um colégio que propõe uma educação para a liberdade, em que você promove a cultura para que ele possa ser o agente da cultura dentro de um meio que não era satisfatório para nós. Fazer cultura no seu meio? O que você acha? Interessava aos militares? Naquela época? Nós éramos altamente subversivos mesmo e eles sabiam disso. A gente trabalhava com análise e síntese. Havia um processo contínuo de análise e síntese. Isto levava ao desenvolvimento do senso crítico, o aluno ia saber “criteriar” sobre as coisas. Isso interessava aos militares? Não interessava. Então o que nós fazíamos? Nós introduzíamos matemática. Provocávamos uma mudança de comportamento através dos conteúdos, quer dizer uma pessoa só pode mudar seu comportamento se ela tiver uma bagagem intelectual, se ela tiver o conhecimento e um conhecimento não segmentado. E nós tínhamos um conhecimento complexo... (Da entrevista com Berenice Mendoza, ex-professora de Matemática).

Outro exemplo de narrativa de mesmo teor pode ser destacada em Cupertino (1990). A entrevista deste autor com um ex-professor de Estudos Sociais nos permite refletir sobre as questões políticas imbricadas às questões pessoais, pedagógicas, subversivas ou não, conscientes ou não, que aconteceram no Vocacional e geraram interrogações posteriores:

No segundo ano a gente viu Revolução Chinesa. E um dos objetivos da área de Estudos Sociais era formação do homem consciente e atuante, esse estereótipo de frase, mas era uma das coisas que a gente perseguia. Quando a gente chegou na Revolução Cubana, lembro dos alunos perguntando: “E agora o que nós temos que fazer?” /.../ Olha, vou dizer honestamente, não sei se eu tenho muito claro. Acho que havia um trabalho nítido de condução política da parte da gente. E nós só fomos acordar nesses momentos. Vou dizer assim pessoalmente: passei muitos anos me questionando se realmente era aquilo que eu queria dos meus alunos, aos 14 anos; jogá-los na rua, para fazer aquele tipo de atividade. Hoje eu tenho muito tranquilo que não era o que eu queria. Mas quando eu estava lá dentro, parece que eu tinha essa clareza. Tinha uma linha de encaminhamento político. Eu não sei se o próprio desnudar da realidade histórica para eles, num país dependente, não tem mesmo que levar a isso. Ou se, às vezes, a gente não exagerou um pouco na condução /.../ Sinto que foram dois processos que se misturaram muito: o nosso, pessoal como adultos, de se politizar, de abrir os olhos para a realidade, de ver o que estava acontecendo (inclusive porque entrou muita gente no Vocacional de vivência neste campo, e que a própria convivência obrigou a gente) com o processo de construção do trabalho com o aluno. Não sei se a gente misturou os dois níveis. A impressão que eu tenho é que muitas vezes nós misturamos, não tivemos a lucidez de considerar que uma coisa é o processo que eu, pessoalmente, como alguém de tantos anos, estou vivendo, estou descobrindo. Isso sempre chega para o aluno, mas que não chegasse tanto...[...]

E sei lá eu, preservar o aluno na sua faixa etária, na sua adolescência, eu não sei se a gente fez muito isso, eu acredito que não.

- Agora, quando você fala em condução, ela se dava através de que?

- Acho que a própria seleção de conteúdo. Isso a gente discutiu muito: estávamos passando a ideologia no momento que selecionávamos um texto, naquilo que passávamos como mais importante para o aluno. A gente discutia muito que no pinçar... Se a gente pudesse ser imparcial na passagem do conteúdo, perfeito. Mas a gente tinha muito claro que não tinha condições de ser, que desde o momento que eu opto por começar com isso, já tem todo um posicionamento meu, uma forma de pensar que vai para o aluno. O que a gente tinha muito claro é que não podia fazer encaminhamento, no sentido de politizar, no sentido de fazer discurso político para o aluno. Só que até hoje eu não tenho claro se na própria forma de pinçar o conteúdo, se a gente não carregou isso.

Porque eu fico lembrando, já em 68, da angústia dos meus alunos, depois de uma aula síntese, que eles saíram cantando o hino do Che pela escola inteira, aí nossos olhos se esbugalharam e nós falamos: “O que é que nós estamos fazendo?” Foi a primeira chacoalhada profissional que eu levei, em termos de questionar o que é meu trabalho, até onde posso chegar com essa área, e se ela não for bem usada, no que eu posso cair. (CUPERTINO, 1990, p.82-83, apud CHIOZZINI, 2014, p.135-136)

O trecho de Cupertino, citado por Chiozzini, refere-se à entrevista com uma ex-professora do Ginásio Vocacional “Oswaldo Aranha”, de São Paulo. Há que se ressaltar que o Regime não se manifestou da mesma forma e com a mesma intensidade em locais e contextos distintos, assim como também cada unidade dos Ginásios Vocacionais tinha suas peculiaridades. “O acordo de aceitação do regime não foi homogêneo durante toda a ditadura [...] foi plural e diversificado” (CORDEIRO, 2015, p.324)

Assim, São Paulo vivia a realidade paulistana. Cupertino interpreta esse depoimento por ele composto destacando o “remorso evidente” da professora, o fato dela ter subestimado a

interferência de acontecimentos externos, no universo escolar, sobre os alunos, especialmente na efervescência social pós-1967. A professora parece, segundo ele, associar a radicalização do comportamento de alunos e professores após a síntese realizada ao final de unidade didática, como faziam normalmente, de acordo com a proposta pedagógica. (CHIOZZINI, 2014, p. 136)

Chiozzini também registra, no depoimento a nós concedido, registros de entrevista com Maria Nilde Mascellani¹² na qual ela se refere à postura de instituições de ensino superior que inicialmente enviavam seus alunos dos cursos de Pedagogia realizarem estágios e frequentar cursos no Vocacional, mas que, passado algum tempo, acabaram atribuindo a ela e à Proposta, o adjetivo de subversiva.

A Faculdade de Educação da USP tem dois grandes colaboradores do regime ditatorial, o professor Laerte Ramos de Carvalho, que foi interventor na UnB¹³, que foi um colaborador explícito, direto, do regime ditatorial, e a professora Amélia Domingues Americano, titular da cadeira de Didática. A Maria Nilde cita um episódio, em que o processo dela estava tramitando e ela foi uma das pessoas que acusa a Maria Nilde de ser comunista mesmo, de estar incitando práticas subversivas e uma das peças de defesa foram os relatórios dos estagiários... Ela falou: “Até pouco tempo você estava mandando estagiários dizendo que era excelente agora você está dizendo que é subversivo, comunista, como é que é isso?” (Da entrevista com Daniel Ferraz Chiozzini)

Também Esméria Rovai, em sua entrevista, falando sobre o fechamento dos Vocacionais, destaca alguns aspectos em relação ao termo subversivo. Afirma que o Brasil não estava e ainda não se encontraria hoje preparado para uma estrutura de ensino como a proposta de Ensino Vocacional aplicada nas seis unidades.

Eu começo minha tese de doutorado mais ou menos situando isso: que de um lado tinha a crítica de uma escola vazia de conteúdo, e uma escola que ensinava conteúdo demais, que era subversiva. No meio dessa coisa onde está a verdade? A verdade está em que ela nem era vazia de conteúdo, nem ensinava conteúdo subversivo, embora pela característica do que ela ensinava, ela poderia mesmo caminhar para uma visão subversiva.

Eliza: *Subversiva em que sentido?*

Esméria: *Ela mostrava a realidade, e, se mostrasse a realidade... era questionada e pronto.* (Da entrevista com Esméria Rovai, ex-supervisora de RAV)

E os autores que têm pesquisado sobre a Ditadura, o que têm falado sobre repressão, subversão e resistência? O recorte a seguir é um exemplo dentre os inúmeros que podemos trazer para reflexão:

O martelo de pilão da repressão não matou apenas moscas, mas tudo que ousasse voar. O regime militar montou uma grande máquina repressiva que recaiu sobre a sociedade, baseada no tripé vigilância- censura- repressão. No final dos anos 1960, este tripé se integrou de maneira mais eficaz, ancorando em uma ampla legislação repressiva que incluía a Lei de segurança Nacional, as leis de censura, os Atos Institucionais e Complementares, a própria Constituição de 1967. Não foi o regime de 1964 que inventou esse tripé repressivo, em parte herdado do passado, mas sem dúvida deu-lhe uma nova estrutura, novas agências e funções. A base teórica que instruiu a montagem desta máquina era o conceito de guerra interna ou guerra revolucionária, aprendido dos franceses. Ela pressupunha utilização coordenada de todos os

¹² Maria Nilde Mascellani foi a coordenadora geral do SEV participando da experiência desde a sua gestação.

¹³ Universidade de Brasília.

recursos – militares, políticos e de informação – no combate a um inimigo invisível, oculto – o “subversivo”-, entre a população como se fosse um cidadão comum. (NAPOLITANO, 2014, p. 128)

Por que o Ginásio Vocacional, entre outras experiências educacionais inovadoras¹⁴, pode ser (como o é, para alguns autores) considerado subversivo?

Chiozzini relata em seu depoimento que alunos do Ginásio Vocacional na cidade de Batatais, nas atividades locais de Estudo do Meio, eram levados a vivenciar a realidade cotidiana de trabalhadores rurais e, literalmente, “pegavam na enxada”, uma atividade que chocou muitos dos pais à época.

“A gente foi fazer um Estudo de Meio, levou os alunos para visitar uma lavoura de cana, para entrevistar os trabalhadores e como eles tinham aula de Práticas Agrícolas, colocamos eles para fazer o trabalho dos boia-frias, quer dizer, vivenciar exatamente, o que é o trabalho de um boia fria.”

Eliza: *Vivenciar a atividade de um boia fria, uma radicalização mesmo...*

Daniel: *Exatamente, e muitos, muitos ali eram crianças. Na época, muitos boia-frias eram crianças e adolescentes, meninos de 14, 15 anos que ficavam trabalhando 10 horas por dia. Já que há um problema, já que tem conflito, vamos levar os alunos para ver o que é esse trabalho, não só para entrevistar, para conhecer, digamos, de perto, mas para também fazer o trabalho e perceber como é pesado. Isso porque também eles já tinham alguma familiaridade, porque eles faziam a horta, eles pegavam na enxada. Mas colocá-los para experimentar o que é ser boia fria é algo que foi criticado por alguns pais. (Da entrevista com Daniel Chiozzini)*

Ao lado dessas iniciativas diferenciadas há, portanto, as manifestações mais conservadoras. Também nesse sentido, por exemplo, Chiozzini cita a afirmação de Olga Bechara¹⁵ sobre alguns professores do Vocacional – dentre os quais ela se inclui – eram católicos de classe média e contra greve. Eduardo Amos, na entrevista que nos concedeu, conta que, quando aluno da cidade de Rio Claro, foi à Rádio fazer propaganda da Campanha *Ouro para o Bem do Brasil*¹⁶. Nos relatos de que dispomos para a pesquisa citam-se professores do Vocacional que participaram da *Marcha com Deus pela Liberdade*¹⁷. Estes momentos refletem certa aproximação de alguns professores com o ideário do Regime, pelo menos por um tempo e nos momentos iniciais dessa virada ditatorial. Aos poucos, como resultado da intensificação da violência (de ambos os

¹⁴ Deve-se ressaltar que havia, à mesma época, outras iniciativas educacionais diferenciadas. Havia, por exemplo, a experiência dos Colégios de Aplicação, vinculados desde sua criação às universidades públicas. Destaque é dado, usualmente, ao Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e ao Colégio de Aplicação da Universidade de São Paulo que tinham em seu centro a preocupação com a formação humanista e o desenvolvimento da consciência crítica. Funcionaram, inicialmente, como escolas tradicionais, tendo sido, depois de alguns anos, transformados em escolas experimentais. Os Colégios de Aplicação são criados em 1957 e introduzem o que ficou conhecido como “linha renovada” a partir de 1963. Outras iniciativas de escola renovada no Estado de São Paulo foram os Ginásios Pluricurriculares e os Ginásios Orientados para o Trabalho (GOTs), estes com um viés mais tecnicista (TAMBERLINE, 2001, p. 162).

¹⁵ Olga Bechara foi orientadora educacional no Ginásio Vocacional “Oswaldo Aranha” em São Paulo.

¹⁶ Em 1964 após a crise política alicerçada pela inflação galopante, o país, sem reservas cambiais que pudessem conter a alta exorbitante do dólar lança uma campanha na qual a população doaria joias em ouro e assim produzir dinheiro que ajudaria o Brasil a sair da crise. Com chamadas no rádio, televisão e reportagens pelos jornais convidam a população o que seria um “ato de cidadania”.

¹⁷ “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” foi um movimento que surgiu em março de 1964. Consistiu numa série de manifestações, organizadas principalmente por setores do clero e por entidades femininas. Congregou segmentos da classe média, temerosos do “perigo comunista” e favoráveis à deposição do presidente da República. A primeira dessas manifestações ocorreu em São Paulo e repetiu-se em outras capitais, mas já após a derrubada de Goulart pelos militares em 31 de março.

lados), claramente perceptível em várias situações e esferas – o Decreto do AI-5, em 1968 é uma das manifestações mais claras dessa violência do Estado, enquanto que a luta armada é uma reação violenta de Resistência –, esta postura de aproximação parece alterar-se.

Lucília: O golpe militar aconteceu no dia 31 de março de 64. Neste ano já tínhamos alunos de primeiro, segundo e terceiro ano ginásial, entre 11 e 14 anos de idade. Alguns professores foram para a rua na Marcha pela Liberdade e conversavam sobre isto com os alunos.

Eliza: Inclusive dos Vocacionais?

Lucília: Sim. Foram alunos e professores, do Vocacional, alguns professores eram militantes de esquerda. Particpei de um grupo que se reunia semanalmente para discutir militância política. Deixei o grupo quando foi decidido aderir à luta armada e eu não compartilhei da ideia, achava que deveríamos trabalhar a conscientização, formar lideranças, negociar e vencer pela educação, pelo discurso e pela política. Tivemos colegas que foram para a luta armada, alguns foram presos, um assassinado e outros confrontaram, acreditando ser esta a única saída.

A discussão acontecia em vários espaços, inclusive na sala de aula com os alunos, analisando estratégias diferentes para atacar a ditadura e conquistar a democracia. (Da entrevista com Lucília Bechara Sanchez, ex-professora e ex-supervisora da área de Matemática)

Nos primeiros tempos da implantação do Ginásio Vocacional de Americana, por exemplo, o Exército foi um grande parceiro da escola, ajudando na realização de acampamentos, emprestando materiais. A professora Cecília Guaraná, ex-diretora do Vocacional de Americana, nos conta que, inicialmente, os comandantes e soldados do Exército admiravam e elogiavam muito o Vocacional, o que aos poucos – em sentido contrário ao que ocorreu com os professores – foi se alterando: suas visitas aos Vocacionais passaram a ter um olhar inquisitivo e questionador.

REFLEXÕES

A experiência dos Ginásios Vocacionais tem nos levado a pensar nos mecanismos e arranjos a que são submetidas iniciativas diferenciadas que implicam a criação de espaços inicialmente não previstos e acabam, por fim, sendo ceifadas. Iniciativas que prezam pelo argumento e pela troca de ideias ramificam-se, criam ligações, invadem terrenos. Máquinas apropriadas serão acionadas a fim de transformarem espaços lisos em espaços estriados, previsíveis, submissos, controláveis.

Os modos de intervenção variam, são geo-historicizados, fazem sentido num espaço-tempo. Estratégias são pensadas e postas em prática. O desmantelamento lento de possíveis forças e o surgimento de contra-forças inicia-se nas entrelinhas, invade sutilmente as brechas, infiltra-se, naturaliza-se, expõe-se.

O SEV estava também numa crise política interna. Tem umas entrevistas de professores, no documentário do Toni Venturi, que mencionam uma infiltração no Vocacional¹⁸, uma infiltração que, eles falam, é de esquerda e de direita. Quer dizer, havia pessoas infiltradas para ver se era comunista ou não, da repressão mesmo, e alguns militantes, ligados à ALN¹⁹ e alguns movimentos que queriam realmente fazer da escola um espaço de atuação política

¹⁸ Lucília Bechara também fala sobre este assunto na entrevista que nos concedeu para esta pesquisa.

¹⁹ ALN – Ação Libertadora Nacional.

também, de militância contra o regime. Então foi um processo muito tenso no âmbito do SEV, no âmbito das unidades. Alguns professores, como eu disse, radicalizando a proposta.
(Da entrevista com Daniel Chiozzini)

Em determinado momento, como afirmam nossos depoentes, ninguém mais sabia quem desempenhava quais papéis, a quais interesses e poderes serviam. Não encontramos, porém, documentos que digam explicitamente dos (re)sentimentos que emergem dessa situação e que talvez durem até hoje. Daí uma das potencialidades da História Oral, metodologia que usamos para esta nossa pesquisa: não buscamos com ela a “veracidade” dos fatos registrados nessas narrativas, nos interessam os efeitos desses registros e sua potencialidade de instaurar novos discursos.

Ainda que essas sejam compreensões parciais, de uma pesquisa ainda em andamento, pensamos que este texto é suficiente para dar uma ideia do que foi o Vocacional e de como, em meio a avanços e retrocessos, ele é criado, se desenvolve e é extinto. Parece importante compreender que nessa trama, subversão e acomodamento, inovação e tradicionalismo, alteração e manutenção não ocorrem como polos afastados e facilmente reconhecíveis na marcha das coisas. Assim, uma inovação sempre fará surgir, em contraponto, movimentos conservadores, do mesmo modo que movimentos conservadores acabam por criar condições para que inovações possam surgir. A subversão atribuída aos Vocacionais, como ocorre com sua inovação, deve ser também estudada nesse jogo de contraposições: há subversões e conservadorismos, tanto externos quanto internos às unidades. São essas as conclusões a que podemos chegar com o atual estágio de desenvolvimento dessa proposta de pesquisa. Ficam claras as balizas educacionais que os Vocacionais pretendiam fazer vigir, do mesmo modo que ficam claros pontos em que essas mesmas balizas são também subvertidas. Parecem ficar claros também os movimentos de subversão e acomodamento político vivido por aqueles envolvidos com a Proposta. Criar uma configuração na qual essa coreografia de opostos se mostra é, afinal, como pensamos, a função da Historiografia, com a qual esse nosso trabalho pretende contribuir.

REFERÊNCIAS

- CHIOZZINI, Daniel Ferraz. **História e Memória da Inovação Educacional no Brasil: o caso dos Ginásios Vocacionais (1961-70)**. Curitiba: Appris, 2014.
- CORDEIRO, J. M. **A ditadura em tempos de milagre: comemorações, orgulho e consentimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1. reimp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. 1. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2014.
- ROVAI, Esméria. (Org.) **Ensino Vocacional: uma pedagogia atual**. São Paulo: Cortez, 2005.
- TAMBERLINI, Ângela. R. M. de B. Os Ginásios Vocacionais, a história e a possibilidade de futuro. In: ROVAI, Esméria (Org.). **Ensino Vocacional: uma pedagogia atual**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 27-49.
- TAMBERLINE, A. R. M. de B. **Os Ginásios Vocacionais: a dimensão política de um projeto pedagógico transformador**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2001.